

RESENHA

BRAGA, Elizabeth dos Santos. A constituição social da memória: Uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000. 216 p.

Margarete Sueli Bertti*

Doutoranda do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp e integrante do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem da mesma instituição, a autora propõe-se a analisar, nesta obra, as condições de elaboração coletiva das lembranças dos alunos, numa sala de aula de pré-escola. Confrontando-se aos estudos com tendências biologizantes, utiliza-se da perspectiva histórico-cultural que, considera a gênese do psiquismo humano como um processo que se constitui na dinâmica social, no momento coletivo, nas inter-ações, na cultura.

O livro está organizado em três capítulos. No primeiro, denominado AO social em estudos da memória@, a autora faz um histórico sobre as diversas abordagens produzidas em várias áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo da memória humana.

Desde os gregos da época arcaica que a chamavam de deusa, até nossos dias em que se torna objeto de estudo de várias ciências, os modos de interpretá-la vão se modificando.

Inicialmente, a autora analisa e questiona os estudos sobre a memória que são permeados por uma tendência biologizante, ou seja, que a consideram como uma propriedade do indivíduo e como um processo puramente interno. O foco desses trabalhos são a anatomia cerebral, as redes neurais, o neurônio, os mecanismos pré e pós-sinápticos.

Essa tendência biologizante, argumenta a autora, subjaz mesmo nos estudos de psicologia como os desenvolvidos por Jean Piaget e Bärbel Inhelder (1979), ao considerarem que a memória estaria subordinada à inteligência.

Segundo a autora, essas abordagens que consideram o homem como organismo, o meio como conteúdo e a memória como fenômeno biológico não deixam espaço para a compreensão do aspecto cultural, eliminado pelos estudiosos da memória humana, tanto nas neurociências quanto na psicologia.

A autora considera que os estudos de Frederic Charles Bartlett, nas

primeiras décadas desse século, redimensionam a questão da memória na psicologia, ao focar o aspecto da construção social da recordação, lançando as bases para o estudo do processo mnemônico em termos da cultura, do convencional, do símbolo. Segundo a autora, os estudos de Maurice Halbwachs, contemporâneos ao de Bartlett, também contribuem para a mudança do foco na investigação da memória humana ao relevar a sua natureza grupal, social, institucional. Membro da Escola Sociológica Francesa, Halbwachs relaciona memória à participação em um grupo social, em que as lembranças dos outros podem reorientar nossas lembranças. Assim, as memórias individuais não seriam independentes, mas pontos de vista da memória coletiva.

A autora destaca nessas duas abordagens o questionamento que esses estudos realizam à noção da memória humana enquanto capacidade individual, localizada estritamente no cérebro.

No segundo capítulo, intitulado A Mediação e memória @, a autora delimita os referenciais teóricos do seu trabalho segundo a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, tendo como foco a discussão dos conceitos desenvolvidos por Lev S. Vygotsky, Alexander R. Luria e Alexis N. Leontiev e as respectivas contribuições para a concepção da memória humana como elaboração do social. Nesse sentido, a autora considera que há uma aproximação entre as teorias de Bartlett, Halbwachs e Vygotsky, quando definem o fenômeno mnemônico como processo emergente na cultura.

Entretanto, em seus estudos sobre a memória e outras funções, afirma a autora que Vygotsky se distinguiria ao considerar a centralidade do signo na constituição do psiquismo humano.

No último capítulo, denominado Aspectos da memória em constituição @, a autora discorre sobre a pesquisa de campo realizada para a coleta de dados e sobre as análises que realiza segundo os pressupostos do referencial histórico-cultural.

Em concordância com o referencial teórico adotado, a centralidade do signo na constituição do psiquismo humano é utilizada pela autora, na análise do cotidiano de uma sala de aula de pré-escola, na identificação e caracterização dos modos e momentos de interferência/influência do outro e ao captar a relação entre escrita, vídeo, falas, leituras com a constituição da memória individual, considerando que as lembranças estariam ligadas a processos de produção de sentidos e significados, à linguagem, à palavra.

A leitura desta obra é bastante relevante para pesquisadores que

tenham como objeto de estudo a memória, pois o panorama que apresenta sobre o tema permite ao leitor ter uma idéia ampla sobre as diversas perspectivas e as mais variadas áreas do conhecimento que se dedicam a investigar essa questão.

Além disso, o referencial adotado pela autora, tendo como pressuposto a constituição social da memória e a aproximação realizada entre autores como Bartlett, Halbwachs e Vygotsky, é portador de inúmeras possibilidades de investigação e aprofundamento teóricos.

* Aluna do curso de Mestrado em Educação Brasileira, FE/UFG.